



# ALFREDO GUISADO E A GALIZA: DE *EL TEA* A *XENTE D'A ALDEA*

---

ALFREDO GUISADO AND GALICIA:  
FROM *EL TEA* TO *XENTE D'A ALDEA*

Fernando de Moraes Gebra<sup>1</sup>  
*Universidade Federal da Fronteira Sul*

**Resumo:** O presente artigo centra-se nas relações dialógicas estabelecidas pela poética de Alfredo Pedro Guisado (1891-1975) com o emergente sistema literário galego, consolidado pelo grupo das Irmandades da Fala e pela Xeración Nós. Tomo como *corpus* de análise textos do autor publicados nos periódicos galegos *El Tea* e *A Nosa Terra*, laboratórios de criação do livro *Xente d'Aldea* (1921). Utilizo conceitos de dialogismo de Mikhail Bakhtin, segundo o qual todo enunciado responde a discursos anteriores, estabelecendo com eles relações vivas e tensas; bem como de sistema literário, presente em autores como Antonio Candido e Itamar Even-Zohar, que entendem a literatura como uma rede de elementos interdependentes. A partir dessa proposta metodológica, analiso três importantes aspectos da produção guisadiana, conectados entre si: o repertório rural-panteísta, tributário de Rosalía de Castro (1837-1885) e Teixeira de Pascoaes (1877-1952); a atuação no semanário agrarista e republicano *El Tea* como arena discursiva para uma poética de reivindicação dos trabalhadores rurais; as aproximações com os artistas galegos e a consequente construção do imaginário das relações de união entre Galiza e Portugal, na esteira da filosofia da Saudade de Teixeira de Pascoaes.

**Palavras-chave:** Alfredo Guisado; *El Tea*; *A Nosa Terra*; Xeración Nós; Dialogismo.

---

<sup>1</sup> fernando.gebra@uffs.edu.br

---

**Abstract:** *The present paper focuses on dialogical relationships established by Alfredo Pedro Guisado's poetry with the emergent Galician literary system, consolidated by the groups Irmandades da Fala and Xeración Nós. I focus on texts the author has published in Galician journals, such as El Tea and A Nosa Terra, creation laboratories of the book Xente d'a aldea (1921). I use concepts of dialogism by Mikhail Bakhtin, according to whom every discourse replies to previous ones, developing alive and tense relations with them; as well as the concept of literary system, present in authors such as Antonio Candido and Itamar Even-Zohar, who understand the literature as a network of interdependent elements. Based on that methodological proposal, I analyze three important issues in Guisado's production, connected among them: the rural-pantheistic repertoire, worship to Rosalía de Castro (1837-1885) and Teixeira de Pascoaes (1877-1952); the acting in the agrarian and republican weekly newspaper El Tea as discursive arena for a rural workers' poetry of claim; the approximation with Galician artists and the consequent construction of the imaginary about the united relationship between Galice and Portugal, following Teixeira de Pascoaes's philosophy of Saudade.*

**Keywords:** *Alfredo Guisado; El Tea; A Nosa Terra; Xeración Nós; Dialogism.*

## INTRODUÇÃO

A obra de Alfredo Pedro Guisado (1891-1975) abrange um arco temporal que vai de janeiro de 1912, aquando da publicação do seu primeiro poema “Noites de inverno”, no semanário republicano-agrarista galego *El Tea*, até 30 de novembro de 1975, data do seu falecimento, ocasião em que ainda havia inéditos, publicados em 1996 numa edição organizada por Fernandes Camelo e intitulada *Tempo de Orpheu II*.

Ao considerar o vasto arco temporal desse poeta e intérprete das conjunturas socio-históricas portuguesa e galega, devem-se examinar as metamorfoses desse discurso que não permanece homogêneo ao longo de mais de seis décadas. Invalidam-se, a partir dessa premissa, determinadas leituras que a historiografia e a crítica literárias portuguesas costumam fazer acerca de sua obra, circunscrevendo-a apenas ao chamado tempo de *Orpheu*, reduzindo, assim, sua complexidade e seu dinamismo. Além disso, costuma-se ler a sua poética como se fosse tributária ou dependente de Fernando Pessoa e Mário de Sá-Carneiro, leitura equivocada feita por João Gaspar Simões e seguida por

---

Apolinário Lourenço, conforme dados manejados e comentados por Carlos Pazos Justo (2015, p. 102).

Por outro lado, críticos mais argutos como Dionísio Vila Maior chamam a atenção para a “condição intertextual e dialógica” (1996, p. 65) dos de *Orpheu*. Conforme Mikhail Bakhtin, em qualquer enunciado, é possível encontrar pelo menos duas vozes em relação de tensão ou de complementaridade, numa “interação viva e tensa” (1988, p. 88). Dito de outra forma, todo discurso, seja qual for sua materialização, constrói-se a partir de discursos precedentes, estabelecendo com eles relações contratuais ou polêmicas.

O discurso poético e político de Alfredo Guisado, nas suas publicações em períodos galegos, cruza-se com repertórios dos movimentos agrarista e galeguista, incorporando elementos do emergente sistema literário galego. Este começa a ser formado com os autores do *Rexurdimento* na segunda metade do século XIX, como Rosalía de Castro, Curros Enríquez e Eduardo Pondal, e se consolida graças aos grupos das Irmandades da Fala, que fundam a revista *A Nosa Terra* em 1916, e da *Xeración Nós*, relacionada à revista *Nós*, cujo primeiro número data de 1920. Analiso, pois, um *corpus* de textos de Alfredo Guisado que foram publicados na imprensa galega, laboratório de criação do poemário *Xente d’a aldea* (1921).

## 1 O INTERSISTEMA LITERÁRIO LUSO-GALEGO

A perspectiva dialógica acerca da poética de Alfredo Guisado centra-se no conceito de sistema literário estabelecido pelo israelita Itamar Even-Zohar, segundo o qual o fenômeno literário é formado por uma rede de elementos interdependentes: produtores, repertório, produtos, consumidores, mercados e instituições (*apud* PAZOS JUSTO, 2010, p. 26). Esse conceito e sua aplicação metodológica fazem-se presentes em estudos de Elias Torres Feijó (2010) e

---

Carlos Pazos Justo (2010 e 2015) acerca das relações entre o sistema literário português e o emergente sistema literário galego. Este último é chamado de emergente por partilhar “[...] uma secção do espaço político definido pelo Estado espanhol com o sistema literário espanhol (também, em princípio, nos enclaves)”, apresentando, “importantes défices projetivos” (PAZOS JUSTO, 2015, p. 39).

O conceito de sistema literário proposto pelo crítico israelita no ensaio “Polysystem theory” (1979) já se encontra formulado na historiografia literária de Antonio Candido. Por meio de critérios histórico-sociológicos, o crítico brasileiro, no livro *Formação da literatura brasileira*, de 1959, entende a literatura como “fenômeno de civilização” (2007, p. 26), tal como Carlos Pazos Justo, seguindo a orientação teórico-metodológica de Itamar Even-Zohar, compreende o fenômeno literário como “facto social, inscrito num espaço e num tempo concretos, em directa ligação com outros âmbitos sociais” (2010, p. 25).

Tanto Antonio Candido como Itamar Even-Zohar formulam o conceito de sistema literário a partir dos formalistas russos. De forma correlata a Even-Zohar, Candido entendeu no final da década de 1950 a “literatura propriamente dita” como um conjunto de obras interligadas por denominadores comuns, tanto internos como externos, “que permitem reconhecer as notas dominantes duma fase” (2007, p. 25). Essas notas dominantes são responsáveis pela formação de uma tradição literária.

A “continuidade ininterrupta de obras e autores (CANDIDO, 2007, p. 26) que Candido entende como “literatura propriamente dita” ou “sistema literário” diferencia-se do que ele denomina “manifestações literárias” que constituem quando muito um esboço de um sistema, pois não apresentam três componentes fundamentais, isto é, “conjunto de produtores literários”, “conjunto de receptores, formando os diferentes tipos de público” e “mecanismo transmissor” (2007, p. 25). Dessa forma, o conceito de sistema

---

literário proposto por Candido é relevante como categoria de análise do processo formativo de literaturas, como a galega, que começa a se consolidar no período do *Rexurdimento*.

Em momentos em que parte do sistema literário português e o emergente sistema galego começam a partilhar repertórios, começa-se a perceber um “sistema interliterário galego-português” (PAZOS JUSTO, 2010, p. 28). Este começa a se formar no final do século XIX, com um repertório literário “[...] com centralidade do elemento folclorizante, e a tendência a se opor às correntes literárias na moda, do naturalismo ao simbolismo” (TORRES FEIJÓ, 2010, p. 163). Nessa rede de confluências linguísticas, históricas, etnográficas e literárias, principalmente na região do Minho, é fundamental a contribuição de João Verde (pseudônimo de José Rodrigues Vale), autor do livro *Ares da Raya* (1902), e diretor literário do jornal *O Regional*, com textos de e sobre poetas galegos. Mais adiante, destaca-se a atuação de Teixeira de Pascoaes e do movimento do Saudosismo português, que irradiam a ideia da reintegração pátria, segundo a qual “a Saudade era, com a língua, o mais poderoso instrumento cultural relacional galego-português” (TORRES FEIJÓ, 2010, p. 174).

Os momentos decisivos de formação do emergente sistema literário galego, a partir das relações dialógicas estabelecidas com o sistema literário português e com oposições ao sistema literário espanhol, podem ser mensurados na “continuidade ininterrupta de obras e autores, cientes quase sempre de integrarem um processo de formação literária” (CANDIDO, 2007, p. 26) que ocorre com as publicações periódicas *A Nosa Terra* e *Nós*. Esses dois periódicos foram responsáveis pela elaboração de um projeto de reivindicação da identidade cultural galega. Com forte posicionamento anticastelhano, procuraram estreitar laços com a cultura portuguesa, o que explica que um dos principais produtores literários portugueses, Teixeira de Pascoaes, ocupe um

---

lugar proeminente nessas publicações, tendo, também, alguns de seus livros resenhados pelos colaboradores desses órgãos de publicação periódica.

No interior de enunciados produzidos no “intersistema literário comum” (TORRES FEIJÓ, 2010, p. 175) desse período, é comum o ressoar de vozes discursivas que apresentam o imagotipo da fraternidade luso-galaica, entendendo Portugal e Galiza ora como nações independentes ora como duas metades separadas pelo rio Minho, em oposição a enunciados do centralismo espanhol. Em alguns enunciados, marca-se uma posição de sujeito contrária a outros enunciados explicitamente citados. Já em outros, reconhece-se, de maneira implícita, o discurso a que se quer referendar ou combater.

Nesse sentido, as relações dialógicas presentes nos textos podem ser examinadas “[...] não apenas entre enunciações integrais (relativamente), mas o enfoque dialógico é possível a qualquer parte significativa do enunciado, inclusive a uma palavra isolada” (BAKHTIN, 2015, p. 210), desde que atenda a uma condição de não ser interpretada como uma mera unidade linguística “mas como signo de posição semântica de um outro” (BAKHTIN, 2015, p. 210). Dito de outra forma, ao ganhar autoria, as palavras convertem-se em “posições de diferentes sujeitos expressas na linguagem” (BAKHTIN, 2015, p. 209).

Muitas das produções literárias de *A Nosa Terra* apresentam, pois, relações dialógicas com a filosofia da Saudade de Teixeira de Pascoaes. Essa proposta, discutida no ensaio *Arte de ser Português* (1915), no seu duplo aspecto de Lembrança de um passado glorioso e Esperança de um futuro redentor, constitui um dos elementos desencadeadores dessa proximidade intersistêmica que pode ser observada na poética de Alfredo Pedro Guisado, não aquela faceta relacionada ao Decadentismo, ao Simbolismo e ao Modernismo, mas a que se nutre de repertórios herdados da tradição folclórica de Rosalía de Castro misturados a componentes saudosistas de Teixeira de Pascoaes, Ramón Cabanillas e Vicente Risco. Em relações dialógicas com um repertório mais

---

tradicional, os textos que Alfredo Guisado estampou nos órgãos de imprensa galegos convidam a uma leitura que desconstrói equívocos de uma historiografia e crítica literárias portuguesas que entendem a poética guisadiana em função de Fernando Pessoa e de Mário de Sá-Carneiro.

## 2 A DESCOBERTA DA GALIZA NO TEMPO DE *ORPHEU*

A perspectiva marcadamente dialógica do intersistema luso-galego permitiu a aproximação de intelectuais dos dois lados do rio Minho. Nesse contexto, Alfredo Pedro Guisado – filho e neto de emigrantes galegos que passaram a administrar o restaurante Irmãos Unidos, no Rossio – em suas férias na aldeia de Pías e no balneário de Mondariz, conheceu muitos intelectuais galegos com os quais travou profundos laços de amizade. Foi no balneário de Mondariz que o jovem Alfredo Guisado conheceu, provavelmente em 1913, o artista polígrafo Alfonso Daniel Rodríguez Castelao (PAZOS JUSTO, 2015, p. 272), responsável pela capa do livro *Xente d'a aldea*, publicado em 1921.

Nesse emergente sistema literário galego, destaca-se a colaboração de Alfredo Guisado, não apenas com a publicação em língua galega do poemário *Xente d'a aldea*, mas também com sua intervenção nos campos cultural e político galegos. Em carta escrita a Augusto Cunha em 15 de setembro de 1913, verifica-se o encontro do autor de *Rimas da noite e da tristeza* com a paisagem física e humana da Galiza.

Também tenho feito por esta encantadora Galiza, tão semelhante ao nosso Minho, algumas passeatas. [...] E tenho andado também, examinando as cantigas das moçoilas, as romarias, as lavadeiras, para ver se efectivamente o Ferro tinha razão em afirmar, que o povo português é, no íntimo, triste. Sabes que a Galiza e bem assim o povo daqui, tem extraordinárias semelhanças com os nossos compatriotas. [...] mas há aqui e além, num verso, num tema, numa canção, qualquer coisa que nos diz que anda uma tristeza de alma revestida dum fato de alegria, um manto fingido

---

encobrendo uma verdade. Examina tu por aí e veremos ao resultado a que chegas.<sup>2</sup>

Nessa carta, Alfredo Guisado menciona as proximidades interculturais de Portugal e de Galiza: “esta encantadora Galiza, tão semelhante ao nosso Minho”. Como se sabe, a família Guisado, embora vivesse em Lisboa, mantinha relações com a Galiza, tanto que o poeta passava longas férias na região da sua família, nos meses de julho, agosto e setembro. Na referida missiva, também relata ao amigo as viagens feitas por terras galegas, como Santiago de Compostela, Vigo e Ourense.

Dessa feita, as viagens pelas terras galegas permitiram ao poeta a observação da paisagem arquitetônica das “recordações graníticas dos tempos quasi pré-históricos”, e também da paisagem humana. Trata-se de um projeto etnográfico embrionário que possibilitou uma aprendizagem relacionada à construção identitária do poeta, que passa a ser, ao mesmo tempo, “objeto e sujeito da travessia, em cujo processo o mundo se faz” (NUNES, 1976, p. 179).

O verbo “examinar”, relacionado aos aspectos observados na paisagem galega, corrobora com o que acabo de mencionar acerca desse projeto etnográfico de observação e coleta de elementos folclóricos, mais tarde aproveitados em poemas como “Esfolladas”, mais adiante analisado. A partir da observação das paisagens humanas e culturais da Galiza, Alfredo Guisado consegue reconhecer as “extraordinárias semelhanças com os nossos compatriotas”, isto é, tal como propõe António Ferro acerca da tristeza do povo português, o povo galego, na concepção do enunciador da carta, é marcado por “uma tristeza de alma revestida dum fato de alegria”.

O poema “Duas terras”, de *Rimas da noite e da tristeza*<sup>3</sup> (GUISADO, 1913, p. 65-68), não publicado em *El Tea*, mas datado também de 1911, é sintomático

---

<sup>2</sup> Agradeço à Sra. Ana Mafalda Roquette de Quadros Ferro, fundadora e presidente da Fundação António Quadros, por ter fornecido cópia dessa carta, cuja cota é a que segue: PT/FAQ/AFC/01/001/0516/018.



na apresentação de dois discursos identitários naquela época ainda opostos para o seu autor: o da Galiza rural e o da Lisboa urbana. Nesse texto, além da visão panteísta e da paisagem física da aldeia, encontra-se uma paisagem humana, relacionada a um dos maiores problemas galegos, o da emigração, que ocorria devido às más condições no campo e à exploração dos grandes proprietários de terras, chamados caciques.

<p>Nuestra Galicia [...] Es nuestra madre. La madre que llora por nosotros, que nos bendice cuando partimos para lejos, que nos enseña a sufrir y a amar. Y, esa madre de toda bondad, bien lo sabéis, compañeros, vive acorralada, sus manos sangran, mal camina, apenas se levanta, no tiene casi quien le ampare. Los hijos, los verdaderos hijos, aquellos que la acarician, que oyen viejas leyendas en torno de las <i>lareiras</i> y saben cantar canciones en las <i>esfolladas</i>, aquellos que lloran cuando ella llora, que ríen cuando ella ríe, tienen que partir para tierras extrañas, en busca de sustento, en procura del dinero que les permita saciar esos otros hijos bastardos, degenerados y malditos que se llaman caciques (<i>in</i> CARRERA, 1915, p. 2; destacados do autor).</p>	<p>Nossa Galiza [...] É nossa mãe. A mãe que chora por nós, que nos abençoa quando partimos para longe, que nos ensina a sofrer e a amar. E, essa mãe de toda bondade, bem o sabeis, companheiros, vive encurralada, suas mãos sangram, mal caminha, apenas se levanta, não tem quase ninguém que a ampare. Os filhos, os verdadeiros filhos, aqueles que a acariciam, que escutam velhas lendas ao redor das <i>lareiras</i> e sabem cantar canções nas <i>esfolhadas</i>, aqueles que choram quando ela chora, que riem quando ela ri, têm que partir para terras estranhas, em busca de sustento, à procura do dinheiro que lhes permita saciar esses outros filhos bastardos, degenerados e malditos que se chamam caciques (<i>in</i> CARRERA, 1915, p. 2; tradução minha).</p>
---	--

O fragmento acima citado, publicado na edição de *El Tea* de 12 de março de 1915, faz parte de “Crónica de Lisboa”, do correspondente Alejo Carrera, e se situa no contexto da reunião magna da “Unión agraria del partido judicial de Punteares en Lisboa” acerca da fundação de uma associação agrarista

<sup>3</sup> Em *Rimas da noite e da tristeza*, do conjunto de 35 poemas, 27 apresentam datação e local de escrita. Desses 27, 21 foram escritos na Galiza, principalmente em Mondariz, e apenas seis foram produzidos em Lisboa. Desses 35 poemas, 15 foram primeiramente publicados no semanário republicano-agrarista *El Tea*.

---

provincial. Nesse texto, Carrera cita o pronunciamento feito por Alfredo Guisado, então Presidente da União Agrária.

Conforme a proposta de dialogismo de Mikhail Bakhtin, é possível perceber que se deprecia no interior do enunciado de Alfredo Guisado o discurso de um poder opressor e tirano dos “degenerados e malditos que se chamam caciques”, representados como os usurpadores, os bastardos que não teriam direito a essa terra com a qual travam apenas relações econômicas de exploração para “saciar” sua vontade de poder.

O discurso de Alfredo Guisado põe a funcionar mecanismos de contestação de um poder preestabelecido, ao configurar os caciques como “filhos bastardos” e ao valorizar os “verdadeiros filhos”, que apresentam uma relação de ternura com a terra explorada, com a “mãe que chora por nós”, a mãe Galiza. São esses “verdadeiros filhos” que, devido às relações de exploração dos caciques, “têm que partir para terras estranhas, em busca de sustento”.

É possível, ainda, afirmar que o pronunciamento feito pelo então Presidente da União Agrária apresenta relações dialógicas com o poema “Duas terras”, no que se refere ao discurso direto do emigrante. Nesse poema lírico-narrativo, Alfredo Guisado dá a voz aos tantos emigrados silenciados por um discurso de poder.

E assim lhe ouvi dizer, triste, a chorar:  
\_ “Adeus campos de trigo que ceifei,  
Sino da minha aldeia que escutei  
E tantas vezes, tantas, me embalou,  
Minha terra adorada, ó terra qu’rida,  
Ó terra onde nasceram os meus pais,  
Eu te dirijo a minha despedida!” (GUISADO, 1913, p. 67)

O discurso poético de Guisado cruza-se, nesse poema, com o de Rosalía de Castro, em particular “Adiós, ríos; adiós, fontes” (CASTRO, 1960, p. 308),

poema que apresenta uma despedida da paisagem física e humana marcada por elementos que ancoram uma geografia de afetos. Tal como o “adeus” dirigido aos “campos de trigo que ceifei” e ao “sino da minha aldeia que escutei”, o poema de Rosalía dirige a despedida do eu-lírico aos elementos da terra, como os prados, os rios, os arvoredos, além da “igrejinha do lugar”. A ancoragem afetiva do discurso direto do emigrante do poema de Guisado na “terra onde nasceram os meus pais”, e que no poema de Rosalía vem expresso pelo sintagma “donde meu pai se enterrou”, configura-se como uma dificuldade a mais no momento da partida, da emigração forçada em direção a um espaço desconhecido representado pelo mar de “Adiós, ríos; adiós, fontes”.

A consequência do processo migratório implica na troca da “veiga” pelo “mar”, e dos “amigos” por “estranhos”, no poema de Rosalía de Castro. O lamento é marcado pela reiteração do signo de despedida “adeus” (tal como o “Adeus” que introduz o discurso direto do emigrante no poema de Guisado) e pelas constantes interjeições (tal como “Eu te dirijo a minha despedida”, de “Duas terras”). O poema de Rosalía também oferece uma tomada de posição crítica na estrofe situada no centro do poema, em que se apresenta “o problema da emigración asociado ao da propiedade da terra que padecían os campesinos” (SÁNCHEZ; ZAS, s/d, p. 123).

<p>Mais son probe e, ¡mal pecado!, a miña terra n' é miña, que hastra lle dan de prestado a beira por que camiña ó que naceu desdichado. (CASTRO, 1960, p. 308).</p>	<p>Mas sou pobre e, malpecado! a minha terra não é minha, que até lhe dão prestado a beira por onde caminha ao que nasceu desditado (CASTRO, 1960, p. 308; tradução minha).</p>
--	---

Em “Duas terras”, insinua-se a difícil condição do emigrado, que precisa deixar sua terra por falta de condições mínimas de subsistência, o que confirma o verso de Rosalía de que “a minha terra não é minha”. A regularidade estrófica

---

que o poema vinha mantendo (estrofes com quatro versos cada) é rompida com essa estrofe de sete versos, com um forte lamento do emigrado. A identificação do eu-lírico com o discurso do emigrado é tão intensa que se verificam retomadas no seu discurso de elementos do discurso do outro. Em estrofe anterior, quando o eu-lírico parece despertar de “essa noite onde vivem ilusões”, e em diálogo com Mondariz, demonstra que “Não és a minha terra, eu não nasci/ Nessas casinhas postas nos trigais,”. Entretanto, os dois últimos versos dessa quadra parecem encontrar-se com o discurso do trabalhador emigrado: “Mas és a terra, a terra abençoada, / Onde nasceram meus avós, meus pais...” (GUISADO, 1913, p. 67).

Ao contrário do poema de Rosalía de Castro, todo centrado na despedida do eu-lírico da “terra donde me criei”, no de Guisado, por mais que o eu-lírico se identifique com o “jornaleiro que não tinha pão” e que sinta a nostalgia da “pequena aldeia onde vivi outrora” (GUISADO, 1913, p. 67), afirma um amor maior à pátria que acolheu os seus pais e os seus avós: “Não julgues que te quero como quero / Ao lindo Portugal, onde nasci!” (GUISADO, 1913, p. 68). Os ecos de Rosalía sentem-se nesse poema à medida que se configura uma paisagem física e humana de um espaço rural e, principalmente, no discurso direto do emigrante que dirige a essa terra à despedida.

### 3 EL TEA COMO ARENA DISCURSIVA

O discurso das vozes contrárias ao poder caciquista encontra o palco ideal de combate no periódico agrarista *El Tea*, com o qual Alfredo Guisado colaborou de 1912 a 1927, principalmente entre 1912 e 1915, com um hiato de 1916 a 1918 nas suas publicações nesse periódico, e com colaboração intermitente de 3 de abril de 1918 a 4 de dezembro de 1927. Ao todo, encontram-se 54 textos de Alfredo Guisado, sendo 39 poemas e 15 textos em

---

outros gêneros do discurso em prosa, como artigos de opinião, cartas, resenhas críticas e contos.

Além da produção, destaca-se a recepção que, embora não seja foco deste trabalho, vale a pena mencioná-la, pois alguns dos poemários de Guisado receberam rápidas notações críticas de *El Tea*, tais como *Rimas da noite e da tristeza* (26 de abril de 1913), *Distância* (29 de maio de 1914), *Elogio da paisagem* (9 de maio de 1915) e *Xente d'a aldea* (3 de julho de 1921). Em cada um dos breves comentários elogiosos acerca dos poemários, cita-se um dos poemas do livro apreciado. Dessa forma, “[...] fugindo em parte da apreciação literária para a qual *El Tea* não estava vocacionado nem habituado, põe em destaque a ligação do produtor em foco com as terras do Condado” (PAZOS JUSTO, 2015, p. 180).

Dos textos de Guisado em *El Tea*, considero significativo o conto “A lareira. O tio Xan” (1921, p. 2), publicado em 23 de junho de 1921. Dedicado a Ramiro Vidal Carrera, o conto de Alfredo Guisado recria a tradição popular dos anciãos que contam histórias e transmitem a tradição oral aos mais jovens ao redor de uma lareira.

O conto estrutura-se por um encaixe: há uma narrativa encaixante, que serve de moldura e contexto da reunião da família ao redor de uma lareira para ouvir a história do Tio Xan – “um velhinho que na aldeia é muito querido e que passa os invernos a contar coisas de quando era novo” (GUISADO, 1921, p. 2; tradução minha)<sup>4</sup>, e uma narrativa encaixada, contada pela personagem da narrativa encaixante. Na narrativa encaixada, problematizam-se questões como a exploração socioeconômica feita pelos caciques e a emigração para o continente americano. Trata-se da história de uma pastora que guarda sozinha um rebanho de ovelhas, uma vez que seus filhos foram tentar a sorte no Brasil. Uma rápida analepse assinala a sorte da protagonista do conto: quando jovem,

---

<sup>4</sup> [...] “un velliño que n’a aldea e muy querido e que pasa os invernos a contar cousas de cando era novo” (GUISADO, 1921, p. 2).

---

tivera sua mão lida por uma cigana, que lhe previra muito sofrimento, “mas que uma hora viria em que Deus lhe daria o bem e a felicidade.”<sup>5</sup>

Com a fórmula introdutória típica dos contos de fada tradicionais – “Uma vez, há muitos anos, numa terra lá muito longe, havia uma pastora que guardava rebanhos pelos montes e fiava sempre numa roca velha com os valados dos baldios”<sup>6</sup>– sem ancoragem espaço-temporal (“Uma vez”, “há muitos anos”, “numa terra”, “lá muito longe”) e com o verbo haver no pretérito imperfeito (“havia uma pastora”), o conto de Alfredo Guisado confere caráter primordial à participação do leitor/ouvinte, pois a linguagem dos contos de fada tradicionais condensa imagens-símbolo de um inconsciente coletivo, das experiências arquetípicas da humanidade. Ao ler/ouvir o conto tradicional, o leitor/ouvinte identifica-se com situações narrativas.

No conto em exame, junta-se à fórmula típica de introdução dos contos de fada o discurso profético da cigana. Se o conto possibilita uma leitura alegórica, enunciada aliás pelo próprio narrador, ao homologar a figura da pastora explorada e vítima de predadores com a imagem da Galiza explorada e também vítima de figuras opressoras, o discurso profético da cigana pode ser lido numa dimensão utópica acerca da libertação da Galiza do jugo em que se encontra há séculos submetida pelos caciques e pelo governo central de Espanha: “E que então chegaria a hora em que nas almas não haveria luto, em que os passarinhos cantariam no coração da gente, em que o mesmo Sol seria como uma boca falando os sentidos da paisagem.”<sup>7</sup>

---

<sup>5</sup> “[...] pero que un-ha hora viria en que Dios lle daria o ben y a felicidade” (GUISADO, 1921, p. 2).

<sup>6</sup> “[...] Un-ha vez, tai moitos anos, n’uh-ha terra alá muy lexis habia una pastora que gardaba rebaños polos montes e fiaba sempre n’un-ha roca vella com’os valados dos baldios” (GUISADO, 1921, p. 2).

<sup>7</sup> “E que enton varia a hora en que n’as almas non haberia loito, en que os paxariños cantarian n’o corazón da xente, en que o mesmo Sol seria como un-ha boca falando os sentidos d’o paisaxe” (GUISADO, 1921, p. 2).

---

O conflito instaura-se a partir do momento em que os lobos começam a devorar todo o rebanho. No clímax do enredo, quando os lobos estão a ponto de devorar a pastora, os filhos regressam e acabam por matá-los, livrando, assim, a mãe, do agente opressor. Nesse caso, tem-se um regresso feliz pois, ao que fica sugerido no conto, houve uma emigração bem sucedida, ao contrário do que costumava ocorrer nas muitas histórias de galegos anônimos que regressavam fracassados do exílio migratório, como fica patente numa das obras de Castelao, uma das *Cousas* – conto e desenho – intitulada “O pai de Migueliño” (2005, p. 83-5).

O regresso dos filhos e a morte dos lobos representam uma poética de resistência, que dá voz aos menos favorecidos. Podendo ser lida como uma história de exemplo, a narrativa encaixada do Tio Xan parece convocar uma reflexão crítica e uma tomada de posição dos seus ouvintes, tanto é assim que um dos rapazes lhe pergunta “E como lhe chamavam a pastora, tio Xan?” (GUISADO, 1921, p. 2; tradução minha)<sup>8</sup>, ao que o narrador lhe responde, “Chamavam-lhe Galiza.”<sup>9</sup>

Após essas duas rápidas réplicas, o narrador da narrativa encaixante mostra a tomada de consciência desse rapaz: “Sem ouvir mais nada, Pedro arregaçou a camisa, botou a mão na foice alçada perto do sal e saiu a correr”<sup>10</sup> Esse período do conto apresenta vários verbos no pretérito perfeito do indicativo (“arregaçou”, “botou”, “saiu”), favorecendo um ritmo mais acelerado à história, uma vez que os problemas sociais galegos urgiam ser resolvidos. Disposto a vencer a opressão a que submetem a pastora-Galiza, esse jovem, após ouvir o discurso do velho, grande depositário da memória coletiva desse

---

<sup>8</sup> “E como lle chamaban a pastora tio Xan?” (GUISADO, 1921, p. 2).

<sup>9</sup> “Chamabanlle Galicia” (GUISADO, 1921, p. 2).

<sup>10</sup> “Sin ouvir mais nada, Pedro arregazou a camisa, botou a man a fouce mangada que estaba arrimad’o cortizo d’o sal e saiu a correr” (GUISADO, 1921, p. 2).

povo oprimido, revela-se consciente da necessidade de romper os grilhões que subjagam a sua pátria. É significativo o uso da foice como arma.

A palavra “foice”, a expressão “saiu a correr” e esse final aberto do conto incitam uma luta armada, uma reação do povo, representado aqui pela personagem Pedro, ouvinte do conto do Tio Xan. Atente-se para o nome Pedro: o nome completo do autor é Alfredo Pedro Guisado e um de seus pseudônimos mais utilizados é Pedro de Meneses. Vê-se aqui a identificação do autor com a personagem, motivada a uma tomada de providência relativa a essa situação alegórica de exploração no campo.

A tomada de posição da consciência autoral faz-se presente no poema “Castillo d’o Sobroso”, publicado primeiramente na revista *A Nosa Terra*, em 10 de janeiro de 1920, com a indicação “do livro próximo a publicar *Xente d’a aldea*” (1920, p. 9; tradução minha).<sup>11</sup>

Castelo d'o Sobroso, vello frade D'o convento que foy o teu Pasado, Soño d'o que xá fomos, apagado, Onde medran as edras y-a soedade.	Castelo do Sobroso, velho frade Do convento que foi o teu Passado, Sonho do que já fomos, apagado, Onde medram as edras e a saudade.
Tu é-lo simblo, a sombra adormecida D'un-ha Galicia nova, un-ha santiña... ¡Xente d'a miña Terra, andai axiña, Vamos de novo erguelo e darlle vida!	Tu és o símbolo, a sombra adormecida Duma Galiza nova, uma santinha... Gente da minha Terra, andai rapidinha, Vamos de novo erguê-lo e dar-lhe vida!
As estrelañas de ouro están n'a serra Pousadiñas e quietas a mirarnos... Volvamos ô Pasado. O Sol marchouse.	As estrelinhas de ouro estão na serra Pousadinhas e quietas a mirar-nos... Voltemos ao Passado. O Sol foi-se.
Conquistemos de novo a nosa Terra. Ergueivos, despertai, que pra axudarnos, Hast'a luna n'o céo é un-ha fouce.	Conquistemos de novo a nossa Terra. Erguei-vos, despertai, que pra ajudar-nos, Até a lua no céu é uma foice.

<sup>11</sup> “do libro proximo a publicar *Xente d’a aldea*” (1920, p. 9).



---

O poema “Castillo d’o Sobroso”<sup>12</sup> apresenta relações dialógicas com a poética de Teixeira de Pascoaes, nomeadamente o discurso ensaístico *Arte de ser Português* (1915). No ensaio de Pascoaes, a Saudade é configurada em uma relação dialética entre lembrança e esperança, lembrança de um passado glorioso e da ancestralidade da Raça, e esperança de um futuro redentor e de um movimento ascensional em direção a Deus (1978, p. 141).

Há, no poema de Guisado, duas recorrências da palavra “Passado” com maiúscula, uma relativa ao aspecto da lembrança e outra ao da esperança, no que se refere à filosofia da Saudade pascoalina. No primeiro quarteto, o Passado é posposto ao possessivo “teu”, marca de um dos enunciatários do discurso poético, isto é, o Castelo do Sobroso. Nas relações metafóricas dessa estrofe, destaca-se “Do convento que foi o teu Passado”. O Passado é visto como um convento, lugar de oração e reclusão, à espera da hora de despertar. Ao Passado como memória, une-se o Passado como esperança, no primeiro terceto, quando o enunciatário passa a ser o povo, um tu coletivo incitado a agir: “Voltemos ao Passado”.

#### 4 DE EL TEA PARA A NOSA TERRA E XENTE D’A ALDEA

Alguns dos poemas de *Xente d’a aldea* (1921) foram primeiramente publicados em periódicos, como é o caso de “Castillo d’o Sobroso” e “El y ela”, ambos em *A Nosa Terra*. Não apenas nesse periódico, mas principalmente em *El*

---

<sup>12</sup> Transcrevi os poemas de *Xente d’a aldea* analisados neste artigo – “Castillo d’o Sobroso”, “Esfolladas”, “El y Ela” e “A voz de Galicia” – seguindo os periódicos *El Tea* e *A Nosa Terra*, cotejando com a versão publicada em livro. Mesmo com a publicação definitiva em livro, com pequenas correções ortográficas, seguem-se grafias e léxicos castelhanizados, isto é, “[...] com a representação de uma língua galega que acolhe léxico castelhano e que em Guisado se revela em estado mais puramente magmático” (ALVAREZ, 2002, p. 203). Durante a pesquisa que desenvolvi na Biblioteca Pública Municipal de Ponteareas e na Real Academia Academia Galega e a consequente sistematização dos dados em 2015, ainda não havia sido publicada a edição de Carlos Pazos Justo intitulada *Xente d’a aldea e outros textos das orixes* (2021), razão pela qual não se contemplou essa edição crítica na transcrição dos poemas.

*Tea*, pode-se rastrear o laboratório de criação de Alfredo Guisado para as temáticas político-sociais presentes em textos como “A lareira. O tio Xan” e que podem ser vistas no poemário de 1921. Dessa forma, o livro escrito em galego, a par da “evocação da terra, paisagem e tipos” e “pequenos quadros dialogados de costumes”, apresenta uma “resistência à absorção castelhanizante e sobretudo à exploração social” (LOPES, 1973, p. 716-717). Ademais, no quadro da interação dos sistemas literários português e galego, o livro pode ser compreendido como uma atitude responsiva “ao apelo de umas raízes que aninhavam na alma”, resultando nesses poemas que constituem “uma confissão de amor à terra, à cultura, à sentida voz do povo galego e à sua luta por uma identidade” ameaçada pelo centralismo espanhol (ALVAREZ, 2002, p. 198).

A “voz do povo galego” pode ser percebida desde os primeiros poemas que Alfredo Guisado publicou em *El Tea*, nos anos de 1912 e 1913, como é o caso de “Esfoldadas”, de 11 de janeiro de 1913, que poderia ser lido como um embrião de “Esfolladas”, de *Xente d’aldea*, republicado em 1º de janeiro de 1924 em *A Nosa Terra* (GUISADO, 1924, p. 9).

A tradição rural das esfolhadas costuma ocorrer no solstício de inverno, o que explica o fato de os dois jornais publicarem em janeiro os poemas referentes a essa prática, que consiste em arrancar as espigas de milho em uma celebração com canto e dança.

<p>Ven o magosto, o pandeiro, As cunchiñas a tocar... ¡Hasta nin falta o gaitero Que toca de reloucar! Na eira, ao canto, esquecido E un magosto o luar.</p>	<p>Vem o magosto, o pandeiro, As conchinhas a tocar... Até nem falta o gaitero Que toca de reloucar! Na eira, ao canto, esquecido E um magosto o luar.</p>
--	--

Juntam-se nessa festa rapazes e raparigas. Quem encontrar o milho rei, isto é, o milho preto, pode beijar e abraçar quem lhe aprouver. É possível

---

entender essa tradição e suas figurações no poema de Guisado como um culto a Dioniso, deus do vinho e da embriaguez: “Traz vinho, abre a cancela”<sup>13</sup>. Os participantes dessa celebração ritualística embriagam-se de vinho e de cantares. Do campo semântico da música, destacam-se “pandeiretas” (I, 1), “cantar” (II, 1), “pandeiro” (VII,1), “conchinhas a tocar” (VII, 2), “gaiteiro” (VII, 3), “toca” (VII, 4), “cantar” (VIII, 2) e “aturuxos” (VIII, 3). Do campo semântico do alimento, encontram-se as figuras “vinho” (I, 3), “castanhas a assar” (I, 4), “vinho branco”, “jarro” – metonímia do vinho (IV, 1), “bocas há que molhar” (IV, 2) e “magusto”, relativo às festas tradicionais da castanha (VI, 1).

O poema “Esfolladas” estrutura-se em oito estrofes, cada uma contendo quatro versos e refrão com um dístico. Optei por chamar de refrão, apesar de não se repetir tal e qual em cada estrofe, pois apresenta, de forma iterativa, as imagens de “lua” e “luar”, metáforas que alcançam uma leitura simbólica alicerçada na junção do feminino (a lua) e do masculino (o luar). Na relação dos arquétipos masculino e feminino, a lua assume as simbologias de roca, chave e cancela; enquanto o luar, de linho, capela e também de algo que atravessa a cancela. Na primeira estrofe, “A lua é uma cancela/ Por onde passa o luar” (I, 5-6)<sup>14</sup>; na sexta, “No céu a lua é a chave/ Da capela do luar” (VI, 5-6)<sup>15</sup>. O luar teria que atravessar um obstáculo, a cancela, para chegar até a lua, e esta representa a chave, portanto, instrumento de abertura e fechamento da capela, templo de oração. Encontram-se nesses refrões ecos num plano cósmico daquilo que está a ocorrer na celebração ritualística. Masculino e feminino emaranham-se como o linho fiado pela roca.

O festejo da esfolhada pode ser lido como um rito de maturação sexual. No refrão “Pra lá da eira, as roseiras/ Estão a abraçar o luar” (V, 5-6)<sup>16</sup>,

---

<sup>13</sup> “Trai viño, abre a cancela” (GUISADO, 1924, p. 9).

<sup>14</sup> “A lua é un-ha cancela/ Por onde pasa o luar” (GUISADO, 1924, p. 9).

<sup>15</sup> “No céu a lua é a chave/ Da capilla d’o luar” (GUISADO, 1924, p. 9).

<sup>16</sup> “Pr’alá d’a eira, as roseiras/ Están a abrazar o luar” (GUISADO, 1924, p. 9).

---

encontram-se os elementos masculino (lunar) e feminino (roseira). A união sexual do masculino e do feminino pode ser encontrada na metáfora do terceiro refrão – “Também no céu passa a lua/ Com um rei que é o lunar” (III, 5-6)<sup>17</sup> – e na imagem dos “corações a namorar...” (VIII, 4)<sup>18</sup>. Como procedimento estilístico desse poema, encontra-se a elipse representada pelas reticências desse verso da última estrofe e pelos pontos suspensivos após a quinta estrofe.

O berro do moço – “pôs-se um moço a berrar” (V, 2)<sup>19</sup> – corresponde ao sangue derramado que a simbologia da rosa encerra. “Mil abraços hei de dar” (V, 4)<sup>20</sup> relaciona-se ao abraço das roseiras ao lunar. O abraço, metonímia da aproximação dos corpos, é antecedido pelo “moço a berrar” que, logo no verso seguinte, se descobre ser o eu-lírico do poema, enunciador de um discurso festivo e inebriante que convoca um tu, Carmela e um vós, em versos como “Andai, andai ligeirinhos” (III, 1)<sup>21</sup>. A Carmela, pede-lhe o eu-lírico: “Traz pandeiretas, Carmela” (I, 1)<sup>22</sup> e “Traz vinho, abre a cancela/ Bota as castanhas a assar”<sup>23</sup>. Não se pode esquecer que o eu masculino pede ao tu feminino que abra a cancela, isto é, que afaste o obstáculo que se coloca entre um homem e uma mulher numa sociedade rural. Todas as fronteiras e os obstáculos parecem ser abolidos nessa festa regada de vinho, castanhas, alegria, risadas e muitas brincadeiras de forte conotação erótica.

O poema “Esfolladas” situa-se concomitante à festa, embora na última estrofe se anteveja “o fim das esfolhadas” (VIII, 1)<sup>24</sup>. Já no poema de 1913, composto por dez quadras, após o “longo abraço” dado ao lunar na sétima estrofe, ação seguida de pontos suspensivos a sugerir que algo mais possa ter

---

<sup>17</sup> “Tamén no céu pasa a lua/ Con un rei qu’ é o lunar” (GUISADO, 1924, p. 9).

<sup>18</sup> “corazóns a namorar...” (GUISADO, 1924, p. 9).

<sup>19</sup> “púxose un mozo a berrar” (GUISADO, 1924, p. 9).

<sup>20</sup> “Mil abrazos hei de dar” (GUISADO, 1924, p. 9).

<sup>21</sup> “Andai, andai lixeiriños” (GUISADO, 1924, p. 9).

<sup>22</sup> “Trai pandeiretas, Carmela” (GUISADO, 1924, p. 9).

<sup>23</sup> “Trai viño, abre a cancela/ Bot’ as castañas a asar” (GUISADO, 1924, p. 9).

<sup>24</sup> “o fin das esfolhadas” (GUISADO, 1924, p. 9).

ocorrido dessa aproximação física dos corpos masculinos e femininos, o poema instaura uma passagem de tempo, pelas marcas dos verbos no pretérito perfeito do indicativo, em versos como “Acabou a festa agora” e “Eles andaram brincando” (GUISADO, 1913, p. 1). Nesse poema, a proximidade erótica é menos sugerida do que no de *Xente d’aldea*, quando muito uma leve sugestão na imagem das mulheres que “Retiram p’ra suas casas/ Co’os cabelos despenteados” (GUISADO, 1913, p. 1).

As imagens da fraternidade e da união entre Portugal e Galiza encontram-se poetizadas em “El y Ela”, cujo repertório utilizado pode ser percebido na filosofia da Saudade de Teixeira de Pascoaes e na poética de João Verde, naquilo que ambas comunicam: a fraternidade luso-galaica. Esse poema foi publicado primeiramente em *A Nosa Terra*, em 25 de setembro de 1919, escrito “A propósito da subscrição que a Colônia Galega de Lisboa abriu para os mutilados da guerra portugueses” (GUISADO, 1919, p. 2; tradução minha).<sup>25</sup>

<p>O río Miño é un cura Sin iglesia y sin misal, Casar Galicia procura Con un novio: – Portugal.</p> <p>Y-estan os dous namorados Sin que nada mais esperen, Fay tantos siglos parados Sin dar as mans como queren.</p> <p>El é un mozo valente. Andou anos po-las guerras, Abriu mares, troyo terras, Y-o corazón sempre á frente.</p> <p>Ela á berinã do río Fia Mistério con calma: – En vez de roca ten Alma</p>	<p>O rio Minho é um padre Sem igreja e sem missal, Casar Galiza procura Com um noivo: – Portugal.</p> <p>E estão os dois namorados Sem que nada mais esperem, Há tantos séculos parados Sem dar as mãos como querem.</p> <p>Ele é um moço valente. Andou anos pelas guerras, Abriu mares, lavrou terras, E o coração sempre à frente.</p> <p>Ela à beirinha do rio Fia Mistério com calma: – Em vez de roca tem Alma</p>
--	--

<sup>25</sup> “A propósito d’a suscripción qu’a Colonia Gallega de Lisboa abriu pr’os mutilados d’a guerra portugueses” (GUISADO, 1919, p. 2).

Y-o paisaxe en vez de fio.	E a paisagem em vez de fio.
El vea de serra en serra, Y-ela, lexos, a axixar... El foy fay meses pra guerra Y-ela quedou a esperar.	Ele vê-a de serra em serra, E ela, longe, a espreitar... Ele foi há meses pra guerra E ela ficou a esperar.
E mentres él pelexaba, Pra que volvese pedia: – Rezaba cando el perdia, Cando el vencía, cantaba.	E enquanto ele pelejava, Pra que voltasse pedia: – Rezava quando ele perdia, Quando ele vencía, cantava.
E cando agora volveu Arrimadiño a un bastón, Sentiu no corazón, Deulle algo d’o que era seu.	E quando agora voltou Apoiado num bordão, Sentiu-o no coração, Deu-lhe algo do que era seu.

Em “El y ela”, o perfil guerreiro de Portugal é enfatizado em expressões como “moço valente” (III, 1), “andou anos pelas guerras” (III, 2), “Ele foi há meses pra guerra” (V, 3), “ele pelejava” (VI,1). Acrescenta-se a esse perfil bélico o de conquistador de novas terras: “Abriu mares, lavrou terras” (III, 3).

Como face complementar desse perfil masculino e aventureiro de Portugal, encontra-se configurado no poema de Guisado o perfil feminino da Galiza que fia com sua Alma a paisagem e espera o regresso do seu guerreiro. A Galiza associa-se uma via contemplativa no poema: “Fia Mistério com calma:” (IV, 2), “ficou a esperar” (V, 4), “Rezava quando ele perdia” (VI ,3), “Quando ele vencía, cantava” (VI, 4). Essas expressões enviam a uma memória discursiva das cantigas medievais galaico-portuguesas, época de ouro da língua galega, que tinha um prestígio internacional.

Tributário das cantigas de amigo medievais, o tema da partida do amado para a guerra e o conseqüente lamento da mulher, muitas vezes em diálogo com uma natureza animista, constitui um *topos* recorrente nas representações artísticas galegas, sobretudo na época do *Rexurdimento*. Poetas como Rosalía de Castro e Eduardo Pondal buscam, na lembrança de um passado glorioso, a

---

época medieval galega anterior à dominação castelhana, e na criação de mitos que engendram o que Teixeira de Pascoaes chama de “independência moral” (1978, p. 74), a esperança de um futuro redentor.

[...] e ainda a Galiza que, em virtude da sua herança celta, tem o parentesco mais íntimo com os povos do Minho. O rio deste nome não separa as duas Províncias... A límpida corrente, reflectindo as duas margens, parece casá-las numa lágrima eterna de saudade...” (PASCOAES, 1978, p. 74).

Sentem-se esses ecos da poética de Teixeira de Pascoaes no discurso de Alfredo Guisado, sobretudo durante sua participação nos movimentos agrarista e galeguista. No poema em análise, percebe-se que, apesar de separados pelo rio Minho, Portugal e Galiza apresentam muitos pontos de contato, “dois namorados [...] sem dar as mãos como querem” (II, 1,4). Ecoam, nesse poema, enunciados próximos do regionalismo minhoto, como o poema de João Verde “A Galiza e mail’o Minho”, do livro *Ares da raya* (1902), “que se conforma com modelos transferidos do protossistema galeguista”, confluindo com “os interesses dos saudosistas” (TORRES FEIJÓ, 2010, p. 166).

Vendo-os assim tão pertinho,  
a Galiza mail’ o Minho,  
são como dois namorados  
que o rio traz separados  
quasi desde o nascimento.  
Deixal-os, pois, namorar  
já que os paes para casar  
lhes não dão consentimento (VERDE, 1978, p. 9).

No poema de João Verde, os namorados são representados por Galiza e Minho, impedidos por seus pais Portugal e Espanha de realizarem o seu casamento. Ao invés de ser representado como obstáculo ou espaço de fronteira e separação entre os dois territórios, como ocorre no poema de João Verde (“o rio traz separados”), em “El y Ela”, o Minho é visto como um padre desejoso de

realizar o casamento entre suas duas terras. A visão panteísta, muito presente nas composições de *Rimas da noite e da tristeza*, apresenta-se em “El y ela” com forte componente ideológico de resistência à castelhanização.

O mesmo “desejo de uma virtual irmandade cultural entre Galiza e Portugal”, presente tanto na obra de Teixeira de Pascoaes como no grupo da “Renascença Portuguesa”, e o “entusiasmo integrista contido nas cartas que Vicente Risco, Castelao e Noriega Varela, entre muitos outros intelectuais, escreveram ao saudosista luso” (ALVAREZ, 2002, p. 202), encontram-se nas imagens presentes no poema “A voz de Galicia” (GUISADO, 1921, p. 2), datado de 9 de abril de 1921 e publicado em *El Tea* em 23 de abril daquele ano.

Tanto “El y ela” como “A voz de Galicia” apresentam Portugal e Galiza como dois arquétipos do masculino guerreiro e do feminino contemplativo, tal como Ulisses e Penélope da *Odisseia*, de Homero, pois enquanto o homem vai para a guerra, a mulher por ele espera fiando. Enquanto no primeiro poema, o imagotipo da fraternidade luso-galaica se traduz pelo casamento entre os dois povos peninsulares, o segundo aponta para uma origem comum, para o mesmo berço representado pelo rio Minho e, portanto, para a irmandade que os une também nos sentimentos, nos choros, nos cantos e também, nas falas.

Choray, meus olhos, choray. Portugal, meu hirmanziño, A Soedade é nossa nay, Nosso berce, o rio Miño.	Chorai, meus olhos, chorai. Portugal, meu irmãozinho, A Saudade é nossa mãe, Nosso berço, o rio Minho.
--	---

É necessário lembrar, ainda, que se publicou em 15 de maio de 1921 em *A Nosa Terra* um discurso de Alfredo Guisado (1921, p. 7), no qual o poeta, ao informar o interesse em realizar em Lisboa jogos florais galaico-portugueses, entende esse evento como “propaganda” ideológica de afirmação da identidade galega, com o intuito de erguer “o nome da escravizada Pátria de Rosalía”. Dessa forma, a união cultural com os portugueses constitui um dos principais



---

objetivos dos periódicos *A Nosa Terra* e *Nós*, que contaram com a participação de Teixeira de Pascoaes e de Alfredo Guisado, este último com alguns dos poemas que foram publicados no poemário *Xente d'a aldea* há cem anos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na produção literária de Alfredo Guisado, paralelamente aos poemas relacionados ao tempo de *Orpheu*, foram publicados em *El Tea* textos nos quais se verifica uma representação das paisagens galegas, com elementos panteístas, sendo, portanto, tributários das poéticas de Rosalía de Castro e de Teixeira de Pascoaes. Ademais, nesse semanário agrarista e republicano, o autor de *Rimas da noite e da tristeza* expressa uma tomada de posição crítica em prol dos trabalhadores rurais. *El Tea* funciona como uma arena ideológica, em que se delineia uma poética combativa de Guisado, como é o caso do conto “A lareira. O tio Xan”, em que se faz presente a imagem da foice como arma de combate, tomada de posição também presente no poema “Castillo d'o Sobroso”, publicado em 1920 na revista *A Nosa Terra* e em 1921 no livro *Xente d'a aldea*.

Conforme apresentado neste artigo, alguns fatores colaboraram para a intensificação das relações dialógicas da poética de Alfredo Guisado com escritores galegos, no período delimitado entre 1911 e 1921: a) as ligações familiares com a Galiza e as viagens do então jovem Alfredo Guisado por terras galegas; b) a participação de Guisado em movimentos republicanos e agraristas tanto na Galiza como na colônia galega em Lisboa, com a publicação de poemas e textos em prosa em *El Tea*; c) a aproximação com muitos intelectuais galegos dos grupos das Irmandades da Fala e da *Xeración Nós*, com consequente publicação de alguns textos literários no periódico *A Nosa Terra*.

Nota-se, pois, nos textos aqui analisados, as relações dialógicas e interculturais desenvolvidas por Alfredo Guisado entre Portugal e Galiza,

---

reforçando um dos objetivos das Irmandades da Fala: a aproximação linguística, literária e cultural das nações separadas pelo rio Minho. As relações dialógicas da poética de Alfredo Guisado com a cultura galega podem ser verificadas nos periódicos *El Tea* e *A Nosa Terra*, pela recepção crítica de algumas das suas obras e pelas suas publicações nesses órgãos de imprensa. A poética de Guisado não se circunscreveu apenas ao tempo de *Orpheu*, mas tocou em muitas feridas identitárias galegas, como o caciquismo, a exploração do trabalho no campo e a emigração.

## REFERÊNCIAS

- ALVAREZ, Eloísa. Estudos de *Xente d'a aldea*. In: CONSIGLIERI, Carlos et al. *Alfredo Guisado: cidadão de Lisboa*. Lisboa: Horizonte, 2002. p. 182-211.
- BAKHTIN, Mikhail. O discurso na poesia e o discurso no romance. In: BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e estética: a teoria do romance*. São Paulo: UNESP/HUCITEC, 1998. p. 85-106.
- BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Trad. Paulo Bezerra. 5ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015.
- CANDIDO, Antonio. Introdução. In: CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos. 1750-1880*. 11ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2007. p. 25-39.
- CARRERA, Alejo. Crónica de Lisboa. Assembleia agraria importante. *El Tea*, Vigo, nº 59, p. 2, 12 mar. 1915.
- CASTELAO, Alfonso Rodríguez. *Cousas*. Vigo: Galaxia, 2005.
- CASTRO, Rosalía de. *Obras completas*. Edición de V. García Marti. Madrid: Aguilar, 1960.
- GUISADO, Alfredo. Esfolhadas. *El Tea*, Puentearreas, nº 225, p. 1, 11 jan. 1913.
- GUISADO, Alfredo. *Rimas da noite e da tristeza*. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1913.
- GUISADO, Alfredo. El y Ela. *A Nosa Terra*, A Coruña, nº 101, p. 2, 25 set. 1919.
- GUISADO, Alfredo. Introito. Castillo d'o Sobroso. *A Nosa Terra*, A Coruña, nº 110, p. 9, 10 jan. 1920.
- GUISADO, Alfredo. A voz de Galicia. *El Tea*, Pontevedra, nº 336, p. 2, 23 abr. 1921.
- GUISADO, Alfredo. Galiza y Portugal. *A Nosa Terra*, A Coruña, nº 140, p. 7, 15 maio 1921.

- 
- GUISADO, Alfredo. A lareira. O tio Xan. *El Tea*, Pontevedra, nº 342, p. 2, 23 jun. 1921.
- GUISADO, Alfredo. Esfolladas. *A Nosa Terra*, A Coruña, nº 196, p. 9, 1 jan. 1924.
- GUISADO, Alfredo. *Tempo de Orfeu (1915-1918)*. Lisboa: Portugália, 1969.
- GUISADO, Alfredo. Xente d'a aldea: versos gallegos. In: CONSIGLIERI, Carlos et al. *Alfredo Guisado: cidadão de Lisboa*. Lisboa: Horizonte, 2002. p. 213-247.
- LOPES, Óscar. *História ilustrada das grandes literaturas. Literatura Portuguesa*. Lisboa: Estúdios Cor, 1966, v. VIII.
- NUNES, Benedito. *O dorso do tigre: ensaios*. São Paulo: Perspectiva, 1969. (Debates).
- PASCOAES, Teixeira de. *Arte de ser Português*. Lisboa: Delraux, 1978.
- PAZOS JUSTO, Carlos. *Relações culturais intersistémicas no espaço ibérico. O caso da trajetória de Alfredo Guisado (1910-1930)*. V. N. Famalicção: Húmus, 2015.
- PAZOS JUSTO. *Trajetória de Alfredo Guisado e a sua relação com a Galiza (1910-1921)*. Santiago de Compostela: Laivento, 2010.
- SÁNCHEZ, Anxo Gómez; ZAS, Mercedes. *Historia xeral da literatura galega*. Vigo: A Nosa Terra, s/d.
- TORRES FEIJÓ, Elias. Relacionamento literário galego-português. Legitimação e expansão com Sísifo ao fundo. In: SÁEZ DELGADO, Antonio; GASPAR, Luis Manuel (eds.). *Suroeste. Relaciones literarias y artísticas entre España y Portugal (1890-1936)*, vol. 1. Badajoz: Museo Extremeño e Iberoamericano de Arte Contemporáneo, 2010. p. 163-185.
- VERDE, João. *Ares da raya*. 2ª ed. Monção: Gráfica Deu-la-deu Ltda., 1978.
- VILA MAIOR, Dionísio. *Introdução ao modernismo*. Coimbra: Almedina, 1996.

Nota do editor:

Artigo submetido para avaliação em: 14 de abril de 2021.

Aprovado em sistema duplo cego em: 02 de junho de 2021.